

Palestra de despedida:
100^o Semestre de Ciência da Religião¹
Farewell Speech: 100 semesters of Religious Studies

Peter Antes*



Iniciei os meus estudos de filosofia e teologia católica no verão de 1962 em Friburgo, na região de Brisgóvia. Atualmente, durante o inverno de 2011/2012, de acordo com os meus cálculos, estou no final do meu 100^o semestre. Lecionei durante 78 semestres em Hannover, contando com três semestres sabáticos em que me dediquei exclusivamente à pesquisa. Fui morar na cidade em fevereiro de 1974, isto é, há 38 anos. Partindo dos 40 anos que Leibniz morou em Hannover,

¹ Tradução por Julia Piccazio Dünner, PUC-SP.

* Peter Antes, internacionalmente reputado cientista da religião alemão, tornou-se professor catedrático na universidade de Hannover, Alemanha, em 1973. Entre 1988 1993 foi presidente da Associação Alemã para a Ciência História da Religião (DVRW). Entre 1995 e 2000 foi vice-presidente da Associação Internacional para a História da Religião (IAHR) e entre 2000 – 2005 presidente da mesma. Em 2005 tornou se *Honorary Life Member* da IAHR. Reconhecendo seus méritos na área da cultura e língua francesa o governo francês o condecorou com a *Ordre des Palmes académiques*. O estado alemão da Baixo Saxônia o condecorou com a cruz de méritos por causa das suas contribuições na área do ensino e da pesquisa em Ciência da Religião e sua aplicação na área da educação. Aposentou-se em Fevereiro de 2012. A REVER tem a honra de publicar sua palestra de despedida.

faltam-me somente dois anos, os quais com certeza alcançarei e espero, quem sabe, ultrapassar. Ao contrário de Leibniz, sempre gostei de morar aqui.

Já no 1º semestre dos meus estudos em Friburgo, conheci, na aula “O Mundo do Antigo Testamento”, outras religiões além da judaica e da cristã; em seguida, na aula “O Mundo do Novo Testamento”, passei a me interessar definitivamente pela Ciência da Religião (História das Religiões). Posso afirmar que o fascínio pela disciplina me acompanha até hoje. Meu professor de Ciência da Religião, Otto Stegmüller, aconselhou-me já em 1963 a me especializar no islã. Dizia que este seria o tema determinante do fim século. Segui o conselho e, como podemos perceber hoje, ele tinha razão.

Retrospectivamente, começar estudando teologia católica na universidade foi bom e importante. Apesar de ser filho de um operário em Mannheim, devido ao estudo de Teologia não tive dificuldade de ascensão profissional. Isso valia também para o estudo posterior das civilizações e culturas do Oriente. Meu professor de árabe sabia tudo sobre cada um dos seus alunos, mas nunca se interessou por minha origem familiar. Ser teólogo era qualificação suficiente para não gerar questionamentos sobre a minha presença no curso. Isto, no entanto, não era o que acontecia com filhos de pastores evangélicos, assim como com aqueles de professores universitários, médicos ou advogados, profissões nas quais preponderavam famosas “dinastias”, as quais acabavam por tornar o ingresso de integrantes de outros círculos sociais muito difícil, quando não impossível.

A minha origem proletária foi também um dos motivos pelo qual eu não participava de protestos estudantis relacionados ao mundo operário. As ideias e interpretações desses estudantes acerca do tema não correspondiam, de jeito nenhum, à minha experiência da realidade do meio trabalhista, o que, conseqüentemente, me fez manter distância. E, da mesma maneira que eu e meus amigos esquerdistas tínhamos ideias divergentes acerca da análise da organização da sociedade, discordávamos sobre temas relacionados à religião. Eles não eram capazes de ver o grande espaço que a religião continuava a ocupar na sociedade moderna. A situação, contudo, mudou – apesar das dificuldades recentes da conhecida editora alemã Suhrkamp em convencer seus leitores de esquerda para a importância de criar uma subentidade no sentido de uma “Editora das Religiões Mundiais”. Transformações ocorreram, por conseguinte, em vários níveis nos últimos 50 anos ou 100 semestres; as mais importantes foram as na organização do curso universitário e no que diz respeito à importância da religião como uma área do saber. Dedicar-me-ei, a seguir, a ambos os temas.

1. Mudanças na organização do curso universitário

Em 1973, ao ser chamado para trabalhar em Hannover, meu amigo e sucessor em Friburgo, Bernhard Uhde, me disse: “É melhor você elaborar um plano de ensino para quatro anos e depois reutilizá-lo umas dez vezes até se aposentar”. Mas não foi isto o que aconteceu. O curso universitário tornou-se cada vez mais direcionado à formação profissional. Esta tendência se intensificou devido ao processo de Bolonha,² que – conforme os depoimentos de estudantes – contribuiu para a melhora da estrutura do ensino na Universidade de Hannover, algo confirmado pelos próprios acadêmicos. Por outro lado, o estudo livre desapareceu gradualmente devido à preponderância da formação profissional e – mesmo que na minha época não fosse um motivo tão forte como para meus sucessores – devido à busca por patrocínio e restrições financeiras. Gesine Schwan³ afirma que, antigamente, a liberdade de pesquisa e ensino procurava constituir uma defesa contra dogmas religiosos. Hoje, essa ameaça é uma das menores, se comparada às metas estabelecidas pelos patrocinadores e às limitações de orçamento.

Com certeza não é inoportuno dizer que a liberdade de pesquisa na universidade clássica, bem como estudos acadêmicos que não se preocupam com uma funcionalidade prática, quase não existem mais. Nesse sentido, nosso tempo é passível de comparação ao fim do Império Romano, período em que permaneciam apenas nos mosteiros partes do conhecimento clássico, que continuava a ser cultivado e, dessa forma, preservado até que florescesse novamente na Idade Média. Os mosteiros de hoje em dia mal preencherão tal função. Talvez reste como única esperança do nosso tempo a referência aos idosos e idosas, que são os únicos que dão continuidade à pesquisa clássica acerca de diversos temas sem sofrer a pressão de patrocinadores ou da necessidade de resultados. Isso significa, na melhor das hipóteses, que o declínio da universidade clássica se adia, mas, com certeza, a longo prazo ela desapareça.

Como especialista em Ciência da Religião, posso também afirmar que há mudanças significantes relacionadas à minha disciplina. Elas foram pela primeira vez articuladas nas recomendações para o desenvolvimento das Teologias e das Ciências relativas à Religião, publicadas em 2010 pelo Conselho Científico do Governo Alemão.

Dedicar-me-ei a esta reavaliação positiva da Ciência da Religião a seguir.

² N.T.: Processo de Bolonha: Promoção de reformas nos sistemas de ensino de 29 países europeus, de acordo com os princípios da “Área Europeia de Ensino Superior”, no ano de 1999.

³ Cf. G. SCHWAN, “Mut zur Weite der Vernunft”. Braucht Wissenschaft Religion? In: BENEDIKT XVI, *Glaube und Vernunft*, p. 33-75, especialmente p. 43s.

2. Mudanças que dizem respeito ao significado da área de *ciência da religião*

Ao começar a lecionar em Hannover, em 1973, tive de acentuar o fato de que a religião continua a ser uma força que molda o pensamento e o comportamento de milhões de pessoas. A religião, como eu costumava dizer, não é própria somente do campo da arqueologia e nem dos mentalmente “atrasados”; pelo contrário, ela continua a ser um elemento vital do nosso mundo. Recentemente, a maioria das sociedades contemporâneas mudou sua opinião. A religião retornou ao palco político não apenas na área de influência do islã como, também, em todos os outros continentes. No livro “Global Rebellion”, Mark Juergensmeyer mostra o crescimento mundial da resistência a Estados seculares tanto entre os muçulmanos, quanto entre os hindus, budistas, judeus e cristãos.⁴

Há tempos a secularização deixou de ser o modelo de todos os Estados do futuro, mesmo a Europa sendo – como José Casanova⁵ mostrou – uma exceção em termos da vitalidade religiosa universal. De fato, cada vez mais a religião tem um impacto sobre o desenvolvimento da ciência, especialmente quando pensamos na crescente influência do criacionismo nos EUA e em suas consequências para a pesquisa de ciências naturais. Por isso, não é uma surpresa que os sociólogos da religião dos EUA desistam da tese de secularização e conversem abertamente sobre um possível retorno da religião à área pública.

O elemento mais significativo nesse contexto é o fato de o Conselho Científico do Governo Alemão afirmar, nas suas “recomendações para o contínuo desenvolvimento de teologias e ciências relativas à religião nas Universidades alemãs”, que as referentes disciplinas são relativamente bem sucedidas, salientando a contribuição positiva da pesquisa na área das ciências da religião.⁶

Em agosto de 2011, li com satisfação no site da Universidade Leibniz de Hannover que houve um aumento de 16% de candidatos para disciplinas com vagas limitadas. No mesmo artigo encontra-se, também, a informação de que, entre essas disciplinas, a de Ciência da Religião teve a maior crescimento de procura (36%). Visto dessa forma, posso, com certa satisfação, adentrar a aposentadoria e colocar a ciência da religião nas mãos de outrem em Hannover, no entanto não sem agradecer a todos aqueles que me ajudaram, durante décadas, a tornar uma realidade esta história de sucesso.

⁴ Cf. M. JUERGENSMEYER, *Global Rebellion*.

⁵ Cf. J. CASANOVA, *Europas Angst vor der Religion*.

⁶ Cf. WISSENSCHAFTSRAT, *Empfehlungen zur Weiterentwicklung von Theologien und religionsbezogenen Wissenschaften an deutschen Hochschulen*, p. 59.

Referências bibliográficas

- CASANOVA, José. *Europas Angst vor der Religion*. Berlin: Berlin Univ. Press, 2009.
- JUERGENSMEYER, Mark. *Global Rebellion: Religious Changes to the Secular State, from Militias to Al Qaeda*. Berkely: University of California Press, 2008.
- SCHWAN, Gesine. „Mut zur Weite der Vernunft“. Braucht Wissenschaft Religion? In: BENEDIKT XVI. *Glaube und Vernunft*. Die Regensburger Vorlesung. Vollständige Ausgabe, kommentiert von Gesine Schwan, Adel Theodor Khoury, Karl Kardinal Lehmann. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 2006.
- WISSENSCHAFTSRAT, *Empfehlungen zur Weiterentwicklung von Theologien und religionsbezogenen Wissenschaften an deutschen Hochschulen*. Köln: s.n., 2010.

Recebido:21/02/2012

Aprovado:10/03/2012